



**XV Domingo do Tempo Comum (Ano C)**

**O texto – Lc 10,25-37**

- <sup>25</sup> Um doutor da Lei levantou-se para pô-lo à prova:  
«Mestre, **FAZENDO o quê** herdarei a VIDA eterna?».
- <sup>26</sup> Disse-lhe: «Na Lei **o que** está escrito?  
**O que** lê?».
- <sup>27</sup> Respondendo, disse:  
«**AMARÁS** ao Senhor, teu Deus,  
com todo o teu coração, com toda a tua alma,  
com toda a tua força e com toda tua mente,  
e ao **TEU PRÓXIMO** como a ti mesmo».
- <sup>28</sup> Disse-lhe:  
«Respondeste bem; **FAZ isto** e **VIVERÁS**».
- <sup>29</sup> Mas ele, querendo justificar-se, disse a Jesus:  
«E **quem** é o **MEU PRÓXIMO**?»
- <sup>30</sup> Jesus continuou: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó  
e caiu nas mãos dos salteadores  
que o despojaram e espancaram,  
e depois foram embora, deixando-o meio morto.
- <sup>31</sup> Por acaso, um sacerdote descia por aquele mesmo caminho  
e, *vendo-o, passou por outro lado.*
- <sup>32</sup> Também um levita, chegando àquele lugar,  
e, *vendo-o, passou por outro lado.*
- <sup>33</sup> Um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele,  
e, *vendo-o, teve compaixão dele.*
- <sup>34</sup> Aproximou-se, ligou-lhe as feridas,  
deitando nelas azeite e vinho,  
depois, carregando-o sobre o seu jumento,  
levou-o para uma estalagem e *cuidou dele.*
- <sup>35</sup> No dia seguinte, tirou dois denários  
e deu-os ao estalajadeiro, dizendo: *‘Cuida dele*  
e, o que gastares a mais, eu to darei quando voltar.’
- <sup>36</sup> *Quem* destes três te parece ter sido **O PRÓXIMO**  
daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»
- <sup>37</sup> Ele respondeu: «O que **FEZ compaixão** para ele».
- Jesus disse-lhe: «Vai e **FAZ o mesmo**».

## Breve comentário

Um doutor da lei, preocupado com a observância, pergunta o que é necessário *fazer* para herdar a *vida* eterna. Jesus devolve a pergunta para o perito na Lei e valida a sua resposta: «*Faz isto e viverás!*». O doutor da lei tinha citado a Sagrada Escritura e, segundo a boa tradição judaica, junta o mandamento do amor a Deus, recordado na oração diária do *Shema' Israel* (Dt 6,5), e o amor ao próximo, que se encontra no coração do livro do Levítico (19,18).

O doutor da lei queria pôs Jesus à prova, como o diabo no deserto; agora quer justificar-se, isto é, apresentar-se como justo. Daí nova pergunta: «E quem é o meu próximo?».

Para entender a pergunta, é necessário ter em conta a mentalidade judaica da época. *Próximo* era o membro do povo hebreu ou o estrangeiro que vivia entre ele e se tinha convertido ao Deus de Israel. Os membros dos outros povos, porque considerados infiéis, não eram considerados «próximo». Por outro lado, havia circunstâncias em que o amor de Deus poderia excluir o amor ao próximo: um sacerdote não podia tornar-se impuro, tocando num cadáver ou num homem meio-morto. Igualmente um levita, em caso de contacto, ficaria proibido de exercer as suas funções no templo durante sete dias. Assim, estes, por amor a Deus, ficavam livres de amar o próximo...

A história contada por Jesus tem como protagonista um samaritano: estrangeiro, não pertencente ao povo hebreu. Apesar de adorar o mesmo Deus, era considerado um herege por não ter as mesmas ideias, não tinha o culto verdadeiro. Mas, contra todas as avaliações, o samaritano está no seu íntimo em plena comunhão com Deus porque sabe ouvir o chamamento da sua voz que o impele a socorrer um homem, um desconhecido, em extrema necessidade. A desgraça podia acontecer a qualquer um que fizesse o caminho deserto e montanhoso de Jerusalém até Jericó: uma distância relativamente curta (27 Km), mas uma descida com cerca de 1000 metros de desnível.

«*Passou junto dele, e vendo-o*». A primeira coisa é olhar, abrir bem os olhos e os ouvidos. Também o sacerdote e o levita o viram, mas foi um ver superficial e estéril. «*Teve compaixão dele*». Dos olhos ao coração. É o sentir a situação como sua. Do coração saem imediatamente *intervenções pontuais* que estão ao alcance de todos:

«*Aproximou-se*». É o primeiro movimento: descer da sua posição e fazer-se próximo do homem que estava por terra sem possibilidade de se levantar. «*Ligou-lhe as feridas*», entende-se: com amor. «*Deramando azeite e vinho*»: presta os cuidados com aquilo que tem e o melhor que sabe fazer. «*Depois carregando-o sobre o seu jumento*». E ele, o samaritano, vai a pé. «*Levou-o a uma estalagem*», para dele cuidar melhor. «*E cuidou dele*», como se se tratasse dum irmão. «*No dia seguinte tirou dois denários*». Era uma boa quantia: o samaritano desembolsa o dinheiro por sua iniciativa, gratuitamente. «*E deu-os ao estalajadeiro*», confiando nele. «*Dizendo: cuida dele*». Envolve assim também o estalajadeiro. «*... E o que gastares a mais, eu to pagarei no meu regresso*». Empenha-se em pagar tudo o que for necessário para a cura completa.

Duma maneira prática são evidenciados todas as passagens: dos olhos ao coração, do coração às mãos. Tudo inspirado e guiado pela compaixão.

Com esta história, Jesus desloca o objecto da discussão: o problema não é saber quem é o nosso próximo, mas descobrir como tornar-se próximo do outro, como aproximar-se dele. A conclusão é clara. Jesus convida o doutor da lei a descobrir o verdadeiro sentido da misericórdia divina. Um estrangeiro que está aberto à Palavra, secretamente activa no concreto da vida, descobriu e realizou tudo isso: «*Vai e faz o mesmo*».

P. Franclim Pacheco  
Diocese de Aveiro